

## Nas Ondas das Rádios Escolares

### In the Waves of School Radios

Eliane da Silva Deniz<sup>a</sup>; Antônia Lúcia de Queiroz Tenório<sup>a</sup>; Josenil Araújo dos Santos<sup>a</sup>; Lucy Ferreira Azevedo<sup>\*a</sup>

<sup>a</sup>Universidade de Cuiabá, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino. MT, Brasil.

\*E-mail: [lucyfazevedo@gmail.com](mailto:lucyfazevedo@gmail.com)

Recebido em: 26/11/18; Aceito em: 25/01/19

---

#### Resumo

As múltiplas aprendizagens e possibilidades desenvolvidas na escola básica, com habilidades e metodologias eficientes, se efetivam tanto no contexto da sala de aula quanto fora dela. Levar o professor a uma reflexão sobre o seu trabalho para além do livro didático e das antigas propostas do ensino gramatical da língua, transpondo os limites da escrita para a oralidade e para a escuta, é fundamental. Por isso se pensou em pormenorizar um projeto de rádio já executado e que foi transmitido nos recreios escolares. O rádio se constituiu, assim, em um objeto linguístico, em uma abordagem que representou ao mesmo tempo uma proposta e um produto. Este trabalho tem o objetivo, então, de descrever a criação de uma rádio escolar, projeto orientado pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc/MT), na Escola Estadual Antonio Hortollani e os efeitos que se traduziram na comunidade por meio das atividades. A metodologia, pesquisa descritiva e qualitativa, terá as seguintes reflexões: o PCN de Língua Portuguesa e Educomunicação da Seduc/MT; reflexões sobre linguagem e ensino de Língua Portuguesa sob a ótica do interacionismo. Um dos resultados que se observou foi a sensibilização dos envolvidos para a integração de toda a escola, além da desenvoltura dos alunos em todas as disciplinas na sala de aula. A oralidade desenvolveu estimulou a escrita, momento em que se precederam algumas ações que envolveram atualização sobre problemas da comunidade e desenvolvimento de pesquisas.

**Palavras-chave:** Rádio. Escola. Oralidade. Interação. Aprendizagem.

#### Abstract

*The multiple learning and possibilities developed in the basic school, with efficient skills and methodologies, take place both in the context of the classroom and outside it. Taking the teacher to a reflection on his or her work beyond the didactic book and the old proposals of the grammatical teaching of the language, transposing the limits of writing to orality and listening, is fundamental. That's why it was thought about detailing a radio project that was already being carried out and was broadcast in school playgrounds. Radio was therefore a linguistic object, in an approach that represented both a proposal and a product. The purpose of this work is to describe the creation of a school radio, a project directed by the State Department of Education of Mato Grosso (Seduc/MT), at the State School Antonio Hortollani and the effects that have been translated into the community through the activities. The descriptive methodology and qualitative research will have the following reflections: The PCN of Portuguese Language and Educommunication of the Seduc/MT; reflections on language and Portuguese language teaching from the point of view of interactionism. One of the results that was observed was the awareness of those involved in the integration of the whole school, in addition to the students' resourcefulness in all disciplines in the classroom. The oral oracles stimulated the writing, moment that preceded some actions that involved updating on community problems and research development.*

**Keywords:** Radio. School. Orality. Interaction. Learning

---

#### 1 Introdução

Pensar a educação básica como sendo um espaço de múltiplas aprendizagens e possibilidades para muito além do contexto da sala de aula é muito interessante diante do grande desafio da educação brasileira na atualidade. Desmistificar o conceito da limitação da sala de aula nos dias de hoje é necessário, e pensar propostas pedagógicas com metodologias inovadoras e projetos atraentes, que integrem toda a escola em uma articulação que vise o uso eficiente da oralidade nas mais diversas situações cotidianas dos sujeitos em formação é algo que ainda é pouco pensado e valorizado dentro das unidades de ensino. Com essa compreensão, o questionamento levantado é: o projeto Educomunicação, criado pela SEDUC/MT, foi importante (motivador, integrador) na Escola Estadual

Antonio Hortollani?

Diante do questionamento, houve a necessidade de se entender todo o processo montado para romper com a compreensão acomodada de que somente o espaço da sala de aula é o bastante para que todos percebam a importância do aprendizado eficiente da oralidade no mundo atual e, também, entender que o letramento oral é tão importante quanto o escrito.

Sendo assim, surge o objetivo deste trabalho que é descrever a criação de uma rádio escolar, projeto orientado pela SEDUC/MT, na Escola Estadual Antonio Hortollani, e os efeitos que se traduziram na comunidade por meio de atividades orais, tendo como direcionamento a pesquisa qualitativa, descritiva.

Partindo-se do pressuposto de que a rádio promoveu

mudanças qualitativas na escola, por meio da linguagem, buscou-se também entender como autores interacionistas orientaram a base linguística do projeto para todo o Estado, entre esses: Fávero (2011), Leite (2010), Marcuschi (2001), Koch (2002) e, ainda, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) – que na época se constituíam nos caminhos da educação brasileira.

Nesse sentido, após as limitações que uma descrição de um projeto implica, ficou documentada a importância do trabalho da oralidade na rádio de uma escola pública da cidade de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso, principalmente, como fator integrador entre alunos de todas as séries, professores e demais integrantes da unidade escolar, além da relação ampliada entre comunidade, professores e estudantes.

## 2 Material e Métodos

Trata-se da descrição de um projeto criado pela SEDUC/MT, o Educomunicação, desenvolvendo-se uma pesquisa qualitativa e descritiva, que propôs uma rádio escolar às unidades públicas de educação para todo o Estado, no início de 2015.

Com a proposta feita às escolas, houve em Tangará da Serra a sua execução, que agora substancia este artigo.

Assim, detalha-se como uma rádio, e na instituição escolar foram estabelecidos os critérios para sua implantação, desde seus integrantes até a base financeira, concepção teórica da estrutura da programação, espaço físico, ganhos na comunidade e problemas surgidos em todas as suas fases de desenvolvimento, além das bases teóricas norteadoras.

Todo esse contingente ficou responsável por fazer a programação, apoiado pelos recursos do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) ou mesmo pelo Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) – o primeiro estadual e o segundo federal. Conseguiram-se os equipamentos básicos: microfone, computador, mesa de som, caixa de som amplificada, estabilizador, fios, entre outros recursos de mídia, além de espaço adequado.

Mais especificamente sobre desenvolver interação pela linguagem, detalha-se aqui como aconteceram as diversas ações que foram pensadas e desenvolvidas na programação, ou seja, a criação de momentos de informação e lazer: entrevistas, seleção musical, entre outros gêneros textuais. Tudo aquilo que fez parte do planejamento da rádio.

Estudados e descritos, os procedimentos e as estruturas da rádio passaram pela leitura crítica das pesquisadoras e sobre seu impacto benéfico e transformador em relação aos envolvidos no projeto.

## 3 Resultados e Discussão

Na escola, nem sempre a expressão oral daquilo que se pensa ou se quer é livre e espontânea. Segundo Leal e Gois (2011), a inibição para se expressar é normal entre as pessoas, principalmente, ao se pronunciar em público.

Visando superar essa limitação, a criação de uma rádio escolar buscou promover um pouco mais a inserção das crianças no mundo da oralidade, porque lhes mostrou a importância que a linguagem oral tem desempenhado na construção e manutenção de diferentes expressões da cultura do país e da sua própria comunidade.

Nesse sentido, há que se atentar que o indivíduo a ser acompanhado, incentivado a se expressar, formado ou aquele que a escola pretende orientar utiliza a língua como recurso cotidianamente em todas as situações que requerem dele a demonstração de seu poder de argumentação, de refutação de uma ideia, de síntese, de convencimento em toda e qualquer situação em que se exige contato dialógico, entre duas ou mais pessoas, por meio da fala, uma vez que a linguagem faz parte do aspecto constitutivo de todo ser humano. Nesse sentido, Ferreira (2010, p.13) enfatiza o poder da persuasão, demonstrando que:

[...] Por termos crenças, valores e opiniões, valemo-nos da palavra como um instrumento revelador de nossas impressões sobre o mundo, de nossos sentimentos, convicções, dúvidas, paixões e aspirações. Pela palavra, tentamos influenciar as pessoas, orientar-lhes o pensamento, excitar ou aclamar emoções para, enfim, guiar suas ações, casar interesses e estabelecer acordos que nos permitam conviver em harmonia. Somos também, pela palavra, construtores sociais, sujeitos ativos que, de um modo ou de outro, se revelam no convívio com as pessoas.

Dessa forma se percebe que em qualquer atividade do dia a dia, desde as mais simples e corriqueiras até as que exigem mais formalidades e complexidade, segundo a visão bakhtiniana, há alguma cumplicidade. Isso porque todos são seres sociais e o contato com o outro, por meio de tais vivências, é um pré-requisito para o entendimento de que, nesses relacionamentos, as pessoas são modificadas e ao mesmo tempo modificam outros. E isso acontece pelo fato de ser o homem sempre motivado a experimentar situações dialógicas, em que a completude só se estabelece por meio das relações sociais, uma vez que também é envolvido pela cultura/história e, com isso, as vivências recebem influências várias.

Tendo como base que a constituição eficiente da linguagem dos indivíduos desempenha também um papel importante, sendo uma das funções da escola formar seu público para exercer tal eficiência, cabe a linguagem, ainda, a formação de uma autoridade legítima em suas funções e nas relações estabelecidas pela palavra, servindo à sociedade com ética e competência e argumentações envolventes no contato com o outro. Assim, metodologias eficazes no ensino da língua como ferramenta para o desenvolvimento de uma boa articulação retórica são urgentes. Com base nessa percepção de contemporaneidade, a rádio está inserida em atividades que envolvem o uso da língua e se vincula ao uso de saberes, de tecnologias e de competências necessárias para a vida (KLEIMAN, 2005).

São válidas, então, situações que estimulem a vivência

da realidade para a eficácia do aprendizado eficiente da oralidade dentro de um espaço formal de ensino e, de forma especial, na educação pública básica, tão carente de práticas metodológicas que propiciem uma cultura letrada dinâmica no ambiente escolar, de forma a atualizar todos os seus processos de comunicação.

Segundo Koch (2002), compreender o contexto social dos alunos de uma determinada comunidade escolar, valorizar a cultura local, observando seus costumes, suas preferências, seus estilos de vida, a forma com que se relacionam uns com os outros, observar toda a população no entorno da unidade de ensino, percebendo suas necessidades e as particularidades do local, são aspectos fundamentais. O desenvolvimento das atividades desenvolvidas na rádio escolar com a proposta de também integrar escola e comunidade em um trabalho, certamente, deve levar a ganhos para ambas as partes.

Finalmente, a concepção de língua como lugar de interação corresponde à noção de sujeito como entidade psicossocial, sublinhando-se ao caráter ativo dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não existiria (KOCH, 2002, p. 17).

Vencidos então os desafios iniciais, como compra de equipamentos necessários, escolha e organização do local, diálogos entre gestão, Conselho Deliberativo da instituição e corpo docente, o próximo passo se direcionou para o envio do projeto com as propostas de atividades que seriam desenvolvidas pela escola com finalidades e objetivos traçados, seguido da autorização da gestão escolar e CDCE.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), ensinar de forma eficiente o aprendizado da língua oral no contexto escolar, entendendo que cada situação cotidiana exige do indivíduo um domínio específico da oralidade, é fundamental para que o sujeito domine a fala pública de forma competente, sentindo-se dessa forma preparado para lidar com as mais diversas situações fora do contexto escolar com naturalidade e competência:

No entanto, nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois, para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações. Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais

apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p.24).

Diante do exposto, é necessário enfatizar que o sujeito precisará de um conhecimento que lhe dê possibilidades de exercer sua cidadania de forma plena em qualquer circunstância vivenciada, evitando, assim, constrangimento por não saber lidar de forma eficiente com situações que lhe exijam maior domínio da norma culta da língua na oralidade quando este, por exemplo, for submetido a uma entrevista de emprego ou tiver que proferir uma palestra, ou em qualquer outra situação, em que se lhe requisite domínio retórico.

Nesse contexto é importante atentar para a urgência de que, quando se opera com a língua em condições e contextos os mais variados e, quando devidamente letrados, passa-se do oral para o escrito ou do escrito para o oral com muita naturalidade (MARCUSCHI 2001). Com essa base, há a necessidade de um ensino que priorize a importância da escrita eficaz no trabalho, com os mais diversos gêneros textuais e que também dê a devida atenção e valorização para o ensino da oralidade, dentro das unidades de ensino, estendendo-se a todo e qualquer trabalho na escola.

Desenvolver a habilidade de se expressar publicamente e passar à escrita como um *continuum* exigiu naquele momento incorporar as mídias dentro do espaço escolar como ferramentas de ensino e aprendizagem. Neste caso, as rádios escolares poderiam ser uma alternativa atrativa e, ao mesmo tempo, eficiente para o ensino eficaz da linguagem com atividades que promovam de fato a desinibição e a desenvoltura dos alunos em circunstâncias que deles exijam a fala pública.

Nesta perspectiva, a proposta aponta no sentido de desenvolver a linguagem oral por meio de um trabalho sério, em que toda a instituição de ensino esteja comprometida, partindo do pressuposto de um trabalho interdisciplinar, no qual a comunidade escolar esteja envolvida com a compreensão de que a rádio escolar não é uma ferramenta de uso da turma A ou B e nem de um professor específico, é um instrumento de aprendizagem necessário para toda a instituição, capaz de uni-la com um único propósito: a melhoria na qualidade do ensino.

Somente de posse do parecer favorável em mãos é que as atividades puderam ter início.

Ao receber o documento de autorização, um professor foi contratado para trabalhar à frente do projeto. Das trinta horas de trabalho semanal do docente, dez foram destinadas a tais atividades, conforme determina a própria Secretaria de Estado de Educação.

O trabalho do professor no referido projeto se fez pela mediação e pela orientação dos alunos para o desenvolvimento de todas as atividades. Foram feitas reuniões semanais para ajustes referentes à programação, à escolha de repertório, à seleção de entrevistados, aos poemas para serem recitados,

entre outras ações possíveis.

No percurso, cabe aqui relatar a experiência de uma docente que esteve à frente do projeto Educomunicação no trabalho com a rádio escolar, em uma escola de campo do município de Tangará da Serra, em 2015.

Percebendo a responsabilidade exigida por estar à frente do projeto, o primeiro passo da professora foi comunicar aos alunos sobre o início das atividades e, dessa forma, ela passou de sala em sala falando da importância do engajamento e da necessidade de parceria com os alunos no intuito de colocar a programação no ar da melhor forma possível.

Durante as visitas às turmas, a primeira surpresa foi quando levantaram a hipótese de fazer a escolha do nome da rádio por meio de votação. Acatada a sugestão, três alunos sugeriram possíveis nomes, sendo eles encaminhados para uma eleição secreta por todos os estudantes, sendo escolhido o nome que recebeu mais votos. Esse foi o primeiro passo para que toda a escola pudesse participar, de forma bem democrática, dos trabalhos que de certa forma já se encontravam em andamento.

Passado esse primeiro momento, e novamente em contato com as turmas, a docente os questionou sobre a possibilidade de participarem do projeto e muitos estudantes, empolgados com a novidade, aceitaram o desafio de participar, inclusive alguns que apresentavam muita timidez durante as aulas e outros que tinham grande resistência em cumprir as regras da escola, até mesmo alguns que davam certo trabalho para o corpo docente por questões relativas à indisciplina, inclusive nas aulas de Língua Portuguesa, ministradas pela professora, que agora estava coordenando o projeto.

Percebendo o interesse de tais alunos em participar da programação da rádio, a docente enxergou nisso uma possibilidade de maior aproximação desses estudantes na tentativa de que os laços de amizade pudessem se estreitar e, conseqüentemente, bons frutos fossem colhidos no interior da própria sala de aula. Uma ação de incentivo ao trabalho coletivo que, certamente, valeria a pena, pois podá-los naquele momento seria uma forma de excluí-los, tornando-os mais revoltados ainda.

Com a equipe toda escolhida, foi programada uma reunião para alguns ajustes necessários: a relevância das habilidades e competências que seriam priorizadas; o cuidado todo especial com a manipulação dos equipamentos, pois não eram baratos e se porventura apresentassem algum defeito em consequência de possíveis descuidos, certamente, levaria algum tempo para que fossem consertados, isso porque, além do gasto, a escola ficaria impossibilitada do trabalho, pois estava localizada em um distrito a aproximadamente 25 km da cidade, e durante um período, certamente, a rotina da programação seria suspensa.

Um dos itens mais importantes estabelecia que a programação diária entraria no ar no horário destinado ao recreio da escola, de segunda a quinta-feira, nos períodos matutino e vespertino e duas vezes na semana no período noturno, uma vez que no período da implantação do projeto (2015), as turmas de Educação de Jovens e Adultos do Ensino

Fundamental e Médio, que eram atendidas durante a noite, estavam funcionando. Para isso, ficou também firmado que a programação seria apresentada em dupla ou trio e os alunos tiveram a total liberdade de escolherem com quem gostariam de apresentar o programa.

Com as parcerias estabelecidas entre os alunos, por laços de afinidade entre os pares, houve a confirmação de que se sentiam de fato parte essencial do projeto. Trocaram impressões, dialogaram entre si e com os professores sobre seus posicionamentos diante das pautas elencadas, sugestões, preferências musicais da comunidade, entre outros assuntos. Um diálogo fundamental para que as atividades fossem desenvolvidas da melhor forma possível. Diante do fato apresentado, é válido observar a seguinte passagem de Freire (1992, p.69):

A comunicação compreendida como troca de conhecimento possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta, já que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Por meio de um maior contato decorrente do projeto, o diálogo entre os alunos foi ampliado e a educadora, embora trabalhasse na escola há algum tempo, percebeu que não conhecia de fato a comunidade escolar em que atuava, uma vez que sua presença na localidade só ocorria no período das aulas, dali saindo direto para sua casa na cidade, sem grande contato com os alunos e seus familiares.

Com essa maior aproximação a partir de então, tanto os alunos quanto a professora conheceram um pouco mais do universo cultural e social de cada um deles. Identificaram também traços de aproximação e distanciamento entre o campo (de forma específica, o distrito no qual se localizava a escola) e a cidade (Tangará da Serra), embora um fosse de certa forma próximo do outro e pertencente ao mesmo município. Havia, portanto, muito que descobrir das realidades que se apresentavam e das necessidades que ora pareciam muito distintas de um lugar para outro.

Diante de um vínculo maior de aproximação, os alunos que agora apresentavam resistência a algumas regras de boa conduta, manifestando rebeldia em sala de aula, começaram a melhorar tais comportamentos e, aos poucos, a indisciplina foi abrindo espaço para a responsabilidade em elevar a cada dia o nível da programação, em colocar o programa no ar com pontualidade, em zelar pela boa manutenção dos equipamentos, em estudar mais para não sair do projeto.

Pouco depois do início das atividades, um professor pedagogo com grande afinidade com a tecnologia percebeu a necessidade de fazer uma vinheta para a rádio, sendo colocada no ar no momento da abertura da programação. Os alunos acharam a ideia muito válida e prontamente acataram a sugestão.

A escolha do repertório musical foi um momento muito agradável para todos os envolvidos e a professora buscou evidenciar o gosto local. Percebendo que a comunidade era

muito eclética, no que se refere a estilos musicais e notando, também, o grande número de evangélicos na escola e, conseqüentemente, na comunidade, tal questão foi levada em consideração. Assim, para cada dia da semana foi escolhido um estilo diferente, sendo tocados: sertanejo raiz, *gospel*, músicas românticas internacionais e MPB. Dessa forma, todos os estudantes da escola sabiam o dia em que cada estilo seria tocado e faziam suas escolhas nos pedidos de música, de acordo com este critério previamente estabelecido.

Muitos recados de interesse da comunidade escolar eram transmitidos via rádio, alguns enviados pela coordenação pedagógica e pelos professores. No momento em que se aproximava também o enceramento das atividades, os demais alunos que ouviam a programação eram alertados sobre a possibilidade de irem ao banheiro e beberem água antes do retorno para a sala de aula.

No início, a responsabilidade para com a programação se estendia apenas aos alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, mas logo depois, percebendo a curiosidade dos alunos menores, com o auxílio dos estudantes maiores, participantes do projeto, eles também começaram a auxiliar na programação dando recados, colaborando na escolha do repertório musical e lendo alguns poemas.

Outra grande descoberta é que, no decorrer do ano letivo, percebeu-se que muitos alunos e até mesmo uma professora e uma funcionária gostavam de cantar músicas do repertório *gospel*, e esses foram incentivados a uma apresentação ao vivo, algo que muito agradou aos ouvintes. As entrevistas despertaram muita curiosidade na comunidade escolar. Eventualmente, com a orientação da educadora, os estudantes escolhiam uma pessoa da escola para ser entrevistada. Quando algum trabalho ou projeto era desenvolvido por algum integrante do corpo docente, ele também era chamado para falar sobre o assunto.

#### 4 Conclusão

O contato com o rádio fortaleceu o ensino da Língua Portuguesa, principalmente, na habilidade de se expor oralmente.

Os alunos vivenciaram situações reais e estimulantes de uso da fala, de forma eficiente, por meio da utilização do microfone nos momentos em que a programação entrava no ar, organizando assim um programa voltado para o entretenimento da comunidade escolar com atividades variadas: entrevistas, notícias locais de interesse do coletivo da escola, músicas, entre tantas outras possibilidades, que pudessem compor a programação. Os estudantes puderam desenvolver uma total interação com os pares e com a comunidade escolar, de forma geral, em situações de fato concretas.

Embora as crianças e adolescentes sejam criativos e apresentem facilidade no trato com as tecnologias, a orientação de um profissional que os auxilie sobre como atuar no trabalho com a mídia radiofônica é necessário, porque o

rádio apresenta dificuldades para a tradução em palavras do tempo, de espaço, de situações, entre outras realidades.

Relevante também no que diz respeito aos critérios de seleção musical, pois, independente do estilo das canções, as letras não podem ser de cunho preconceituoso de nenhuma espécie, assim é necessário que os conteúdos venham com mensagens positivas, não incentivando nenhum tipo de ato ilícito, imoral ou discriminatório. Portanto, esse é um trabalho que cabe ao docente verificar e que este esteja aberto às sugestões dos alunos – obviamente fora do papel de censor – ao mesmo tempo em que também poderá propor atividades, que estimulem os estudos para uma desenvoltura eficiente no trato com a linguagem e que os instiguem no desenvolvimento de uma programação saudável, estimuladora e de bom gosto.

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o interesse em incorporar o mundo midiático na escola ainda é válido, assim como também é válido o registro de um projeto que precisa ser reestimulado, uma vez que o rádio é o espelho do Brasil. É por ele que todas as regiões se comunicam e ele está completamente inserido na cultura brasileira para o lazer e para a atualização histórica de seus ouvintes.

Cabe à escola, pois, observar a cultura brasileira e fomentar ações que a estimulem, vivifiquem seu cotidiano junto aos seus partícipes.

O conteúdo relatado até aqui diz respeito apenas a algumas possibilidades no trabalho com as rádios escolares. Cada professor educador e cada localidade teve seu jeito próprio e sua maneira particular de conduzir o trabalho.

Acredita-se que a iniciativa da SEDUC com as instituições apoiadoras foi um total sucesso e que a atividade com a rádio ainda precisa de total atenção, porque ratifica o entendimento de que as possibilidades variadas que esta mídia oferece no ensino de linguagem dentro do contexto escolar. Afinal de contas, tal trabalho visa interação entre os sujeitos e o fortalecimento da leitura crítica de cada participante, logo, precisa de continuidade, dada a sua relevância.

Em relação ao trabalho com a Língua Portuguesa, a rádio mostrou exatamente a postura interacionista que a ação dialogada abre e provoca; incentiva a busca ao que a arte musical e a poesia apresentam atualmente; expande o conhecimento sobre a própria comunidade em uma gama enorme de conteúdos e possibilita o amadurecimento dos participantes ao exporem suas ideias com uma retórica mais rica e comprometida.

#### Referências

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

ELIAS, V.M. *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, O. *Diversidade na educação de jovens e adultos*. São

Paulo: Autores Associados, 2011.

FERREIRA L.A. *Leitura e persuasão: princípios da análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KLEIMAN, Â.B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel/Unicamp, 2005.

KOCH, I.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo:

Cortez, 2002.

LEAL, T.F.; GOIS, S. (Org.). *A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LEITE, M.Q. Interação pela linguagem: o discurso do professor. In: ELIAS, V.M. (Org.) *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita, atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.